

# **ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DO TURISMO DE GUERRA: UMA VIAGEM À LUZ DAQUELES QUE O PERCORRERAM**

**Michele Aparecida Hobal**

Turismóloga pelas Faculdades Integradas Curitiba – FIC  
Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR  
michelehobal@hotmail.com

**Wellington Rafael Medeiros**

Turismólogo pelas Faculdades Integradas Curitiba - FIC

**Nilson Cesar Fraga**

Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento  
Faculdades Integradas Curitiba  
Coordenador do NPTG/Turismo/FIC  
nilsoncesarfraga@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O Turismo de Guerra vem como uma nova possibilidade turística no Sul do Brasil, a exemplo de países europeus. Neste momento já cabe ressaltar que ele transcende o turismo histórico-cultural-religioso, uma vez que permite ao turista a percepção de um lugar que foi palco de conflitos e luta armada, proporcionando ao mesmo o contato com o passado histórico de um país, ainda, em construção. Conforme Fraga (2002 *apud* Athanázio, 2004 s/p), “o turista que pisar tais áreas do solo nacional poderá sentir a alma do lugar, parte da poesia e da tragédia que outrora marcaram a área em visita”.

Tendo como marco o estudo da Guerra do Contestado, ocorrida entre os atuais limites dos Estados do Paraná e Santa Catarina, nos anos de 1912 a 1916, discutindo os fatores socioeconômicos e histórico-culturais da região em questão, os motivos que levaram à Guerra e as conseqüências que a mesma originou, e o levantamento dos fragmentos ainda existentes pela região para a elaboração do Primeiro Roteiro de Turismo de Guerra do Brasil, que está sendo concebido pelo Núcleo de Pesquisa de Turismo de Guerra - NPTG/Turismo/FIC. Este roteiro surge como nova possibilidade de incrementar a economia da região abordada, local de predomínio do latifúndio e da monocultura do *pinus*, uma vez que o turismo é uma atividade que movimenta vários setores da economia, gerando ocupação e renda para a população local que implica no desenvolvimento regional.

O primeiro roteiro brasileiro de Turismo de Guerra foi e está sendo experienciado por aqueles, que a partir de uma explanação sobre o assunto, tem a oportunidade de analisar

criticamente o espaço turístico ofertado, fruto de pesquisa histórica, sobre a “epopéia” que possibilita o advento de uma nova concepção turística.

Para as verificações atinentes a percepção do espaço da região do Contestado enquanto roteiro turístico, Tuan (1983, p. 10), comenta que “assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”; tais pressupostos possibilitam compreender o olhar dos acadêmicos sobre os objetivos propostos.

## **1. TURISMO DE GUERRA**

O Turismo é uma atividade interdisciplinar que está relacionada a numerosas definições, desde sua concepção mercadológica, filosófica, psicológica e ainda poética. De acordo com Acerenza (2002, p. 39): “a partir do ponto de vista técnico, podem existir, e em realidade existem, várias definições sobre o turismo, cada uma delas apropriada a diferentes propósitos”. Ainda que pareça confundir a já extensa abrangência do turismo, todas as definições vêm contribuir para a diversificação de novos produtos turísticos que, buscam atender às necessidades de cada público, através da segmentação turística<sup>1</sup>.

Aos leigos, a terminologia Turismo de Guerra pode causar espanto, já que vivemos em um mundo em que diariamente a busca pela paz tão almejada por todos se torna evidente em mensagens, manifestações e desejos, uma proposta de turismo com esta nomenclatura pode destoar da visão de mundo dos indivíduos.

Mas Turismo de Guerra não se trata de viagens a lugares em guerra deflagrada, como Afeganistão, Iraque, Palestina ou outros em conflito atual. Como Fraga (2002, ), resume, é na verdade fazer com que o visitante esteja em contato a lugares que ocorreram tais conflitos, e que hoje preservam fragmentos desses episódios como forma de manter viva parte de sua história, através de museus, mausoléus, cemitérios, monumentos, sítios arqueológicos, entre outros elementos constantes na paisagem. O contato com o lugar, conforme Fraga (2002, p. 49)

(...) pode propiciar uma viagem mental à história de um país em construção. Pisando e sentindo paisagens antigas, o turista experimenta a insólita relação com o espaço poético e/ou a imagem poética.

---

<sup>1</sup> “tourism, as we have seen, can be a potent force for economic and social good, creating employment and wealth, and widening our understanding of other societies”. (HOLLOWAY 2002, p. 354).

Apesar do Turismo de Guerra estar (in)diretamente inserido noutras modalidades turísticas, a inserção de uma nova classificação, neste caso, Turismo de Guerra, colaboraria para uma maior evidência da essência da atividade proposta, que é a ótica da região por meio de do tema da Guerra. (FRAGA ,2002, p.48) destaca ainda que:

O Turismo de Guerra apresenta novo chamamento de marketing e abriria nova possibilidade de perfil do turista, podendo abraçar os mais cultos e interessados pela formação e história nacional, assim como os aventureiros, os exóticos e muitos outros.

Para Nilson Cesar Fraga (2002) o Turismo de Guerra propõe uma nova forma de pensar o turismo brasileiro, buscando a inserção de novas paisagens no contexto espacial dessa atividade mercadológica, com profunda possibilidade econômica, principalmente em regiões carentes no plano sócio-econômico de um país com dimensões continentais e com construção histórica pautada em guerras internas e revoltas populares, com profundas marcas no espaço.

## 1.1 – O PRIMEIRO ROTEIRO – GUERRA DO CONTESTADO

No Brasil o Turismo de Guerra é uma terminologia ainda recente, tendo Nilson a Professor do curso de Turismo das FIC (Faculdades Integradas Curitiba) idealizou e criou o NPTG (Núcleo de Pesquisa em Turismo de Guerra), coordenando um grupo de alunos para discutir e elaborar o primeiro roteiro de turismo de guerra do Brasil.

Por meio da discussão inicial atinente aos pilares básicos do turismo, o NPTG propõe uma possibilidade de inserção de um novo tipo e modalidade de turismo para o Brasil – o Turismo de Guerra.

A metodologia de trabalho do NPTG, para promoção de maiores discussões e cientificidade dessa temática, que vem sendo trabalhada no Curso de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba – FIC objetiva a localização (com visitas técnicas), a análise de potencialidades (patrimônios e outros produtos), a organização (a existente e a necessária) e o planejamento, com sugestões para a definição de planos (municipais e regionais), dentre outros elementos.

A escolha da região do Contestado se deu pela proximidade da região com a sede do NPTG, e por se tratar de uma parte da história do Brasil que foi esquecida pelo Poder Público, mas de suma importância para os destinos dos Estados envolvidos e de seu povo.

Um dos vieses do Turismo de Guerra proposto na Região do Contestado, localizados nos estados de Santa Catarina e Paraná, é poder esclarecer e desmistificar a respeito da população cabocla que antes habitava aquelas terras. Fazer-se compreender o seu modo de vida, seu catolicismo rústico e o porquê de pegar em armas e lutar contra as forças oficiais do exército do país ao qual pertencia. Saber o interesse que o Estado tinha em garantir o direito de uma empresa estrangeira em solo brasileiro, abrindo mão da soberania em uma porção do país a defender o povo que foi parte essencial no processo de formação territorial do Brasil e que viu seu direito à posse das terras ser tirada por quem mais tinha obrigação de garanti-la.

Enfim, abre-se a possibilidade de (re) pensar o Turismo Brasileiro, criando novas possibilidades, tipos e formas, como o Turismo de Guerra, como um atrativo a mais para os brasileiros em férias e/ou adeptos do lazer cultural, ecológico, de aventura e outros. Afinal, o Brasil oferece mais do que praias e carnaval.

## **2 - O OLHAR DOS QUE PERCORRERAM**

Para proceder à análise dos discursos dos que percorreram o Roteiro de Turismo de Guerra, por meio dos relatórios, KOZEL (2002, p. 224) argumenta que a,

(...) concepção [*realista*] reflete uma visão de mundo que, a partir de uma suposta neutralidade, tudo explica e comprova. As correntes filosóficas e positivista e neopositivista são o seu suporte, direcionando as pesquisas à compreensão e explicações lógicas entre sujeito e objeto. Relacionando este suporte teórico às representações, temos as teorias da informação e da comunicação nas suas inúmeras vertentes.

A concepção idealista é permeada pelo real que reflete a representação, sendo que esta é captada pelo conhecimento sensível, imaginário e abstrato, que está baseado na consciência, e o conjunto disso é marcado pela subjetividade. Dentro desta lógica o olhar e os pareceres dos alunos se constitui do imaginário que tinham do Contestado, por meio das leituras e discussões e, quando no campo, pelo mundo real. Este espaço vivido, sentido e pisado, gerou relatos com profunda subjetividade, conforme teoricamente Salete Kozel (2002) estabelece ao refletir as representações.

No sentido das abordagens que virão, marcadas pela complexidade anteriormente explanadas, há também que se ressaltar a questão simbólica de ter percorrido um território

que há 90 anos deixou marcas de uma guerra, tal região se faz constituída de instrumentos de produções simbólicas, conforme se encontra em Pierre Bourdieu (2002) – o simbolismo, acrescido do imaginário, do abstrato e da própria consciência.

### **3 A PERCEPÇÃO ESTABELECENDO O SEGMENTO**

O estudo da percepção é uma das vertentes da Nova Geografia, com base na Geografia Humanística, interessada em analisar a inter-relação do indivíduo com o meio ambiente ou entre outros grupos de indivíduos, refletindo acerca das observações resultantes dela, propondo soluções mais coerentes para suas problemáticas. Como afirma Gomes (apud Siste 2005, p. 67), “na geografia humanista a expressão espaço é empregada com cautela e tende a ser substituída por lugar, que induz a uma visão mais integrada do espaço com seus valores”.

Para estudos de percepção, torna-se necessário conhecer alguns conceitos fundamentais, como: atitude, cognição, imagem, paisagem, percepção e representação<sup>2</sup>.

Estes conceitos são fundamentais para compreender as experiências vividas pelos indivíduos, e as influências que o meio exerce sobre ele. A percepção é justamente a investigação destas influências, resultando em soluções para compreender as relações do ser humano com o meio ambiente e com outros indivíduos, e os valores que embasam esta relação.

As diferenças de percepção entre visitantes e nativos são diferentes. O visitante geralmente julga, avalia esteticamente o lugar, baseando em aparências. O nativo tem uma atitude complexa, já que está imerso na totalidade do seu meio ambiente, e o homem ao viver atribui valores ao seu mundo. Yi-FuTuan (1980).

A identidade de um povo provém de sua história, e muitas vezes está embutida na paisagem do lugar. O contato entre indivíduo e paisagem resgata a identidade esquecida e/ou perdida. Para (YAZIGI, 2001, p. 34), “ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega

---

<sup>2</sup> Esses conceitos aqui descritos podem ser encontrados de forma detalhada em: Amorin Filho *apud* Siste 2005, p.79):

muito da percepção”. Também para Serge Moscovici (2005) a representação social, diferentemente das outras formas de conhecimento, supõe uma relação específica entre o sujeito e o objeto do conhecimento: o indivíduo projeta sua identidade no objeto que o representa.

### 3.1 AS VIAGENS QUE LEVAM AS PERCEPÇÕES

O objetivo das viagens de campo do primeiro roteiro de Turismo de Guerra, pelos alunos de turismo, conforme Nilson Cesar Fraga (2002), é fazer com que os estudantes reflitam como acontecimentos do passado interferem no modo de vida dos habitantes atuais, e instigar esses a procurar formas do turismo quebrar essas barreiras sociais, trazendo maior desenvolvimento e geração de renda a esta comunidade.

### 3.2 – OLHARES E PARECERES

Nesta parte do trabalho é procedida análise dos relatos dos acadêmicos de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba que percorreram o Roteiro de Turismo de Guerra no Contestado. As análises se dão sobre os relatórios produzidos entre o primeiro semestre de 2002 e o segundo de 2004.

O sentido das análises se dá por meio da percepção e da representação, anteriormente embasados em KOZEL (2002) e TUAN (1983), quando este último estabelece que “as pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade”, (TUAN 1983, p. 206). Um dos vieses do Turismo de Guerra é a descoberta da história, da cultura e da tragédia, o conhecimento de fatos de outrora, que ficaram esquecidos. Perceber as leituras e interpretações dos que percorreram o Primeiro Roteiro de Turismo de Guerra, permite a confirmação dos objetivos que foram aventados nas discussões iniciais deste trabalho.

Os três primeiros fragmentos textuais de relatórios demonstram um pouco de perplexidade em confrontar um espaço desconectado dos estudos feitos sobre a Guerra do Contestado, pois o tempo é responsável por apagar as marcas de um determinado momento histórico.

O passado desta guerra esconde curiosidades, destas que alfinetam a alma. O contato com uma história que transformou e ainda transforma uma certa população, me remeteu a um passado de alegria e ao mesmo tempo assustador.

**E.L.S. (nov./2002)**

Viajar para os locais do Contestado, não é simplesmente conhecer ou visitar mais um lugar, mas é reviver a história.

**J.G.C.R. (jun./2002)**

Pude perceber que a Guerra do Contestado não se resume apenas em um episódio sangrento de grande importância histórica, é muito mais do que isso.

**M. D. (maio/2003)**

Quando E.L.S. comenta o passado acrescido da história e J.G.C.R. com M.D. falam apenas em história, ambos estão remetendo-se ao período belicoso, pois, não se pode esquecer, que antes de fazer a viagem de campo, todos tiveram aula teórica sobre o tema, com numerosas imagens dos anos de 1912/16.

De maneira geral, os três demonstram que a parte teórica foi mais marcante do que a possibilidade de fazer da região do Contestado, um produto turístico, enquanto outros darão maior ênfase ao turismo em si, que de fato se constitui nas suas formações acadêmicas.

Dentre os relatos, um chama atenção pela profundidade de percepção do lugar, pois para ela, naquilo que demonstra TUAN (1983), estar no Contestado é mais do que pisar um espaço simplesmente é voltar ao passado e sentir a *alma do lugar*.

A emoção de poder voltar ao passado é muito grande, pois com o cenário, basta fechar os olhos e viajar, podemos sentir a brisa fria em nossa face, a movimentação das pessoas, o barulho das máquinas a serrar as madeiras nobres retiradas das matas, o fervor dos motores das locomotivas a empilhar as toras nos vagões. O choque é tão grande quando abrimos os olhos e nos deparamos com a realidade, que os cupins e o próprio homem estão destruindo o pouco que resta do muito que foi deixado pela história. Pudemos constatar o descaso do governo, no museu de Matos Costas, onde as últimas memórias desta guerra são mantidas por pessoas que também tentam manter viva a memória de algo tão importante para a história, e que as futuras gerações possam como nós fazer uma volta ao passado. Só mesmo quem visita, sente a emoção em pisar em chão onde milhares de pessoas caíram sem vida. E é esta emoção e história que levaremos pela vida e passaremos para muitos.

**S.R.S. (maio/2003)**

O fragmento relatado por S.R.S., ela busca sentir um espaço diferente do que seus olhos vêem, primeiramente se abstém do sentido da visão para retroceder no tempo, pois a visão é “objetiva” e o ver não envolve profundamente as emoções, como afirma Yi-Fu Tuan (1980). Ao fechar os olhos ela se imaginou na época em que os fatos que marcaram este espaço ocorreram, buscando no sentir da brisa uma maior sensibilidade do lugar, uma

experiência da qual não vivenciou, mas que com o conhecimento adquirido, e agora experienciado, a fez projetar-se para aquele contexto histórico. Ao abrir os olhos e se deparar com a realidade, vê o descaso do poder público diante dos monumentos e edificações históricas, demonstrando sua indignação com o estado de conservação destes prédios que mantem vivas a memória do lugar.

Dos estudantes que observaram mais a possibilidade turística em si, destaca se duas vertentes, os que vêem o Turismo de Guerra como um novo segmento e o mesmo como fator de desenvolvimento regional.

Relacionado ao estudo sobre a Guerra do Contestado, posso dizer que o Brasil oferece muito mais que praias e que está sendo criado novos tipos de turismo como na região de Santa Catarina onde houve a guerra, visando despertar no turista que visitará o local, um comportamento crítico sobre os locais que foram marcados pela violência, da luta pelas terras e pela preservação da natureza.

**C.B.T.B. (nov/2002)**

O Contestado é um fato novo para mim da história do Paraná e do Brasil. Pois não me lembro de ter aprendido alguma coisa em história no ensino médio. O mais interessante é saber que aqui em nosso estado ocorreu um momento histórico muito importante e que podemos aproveitá-lo turisticamente. O conhecimento, tentar entender como algumas pessoas (daquela região) ainda vivem a história da guerra é muito interessante para poder entender e sentimentalizar este momento histórico, para poder aproveitá-lo da melhor forma possível, do ponto de vista turístico, cultural e histórico.

**P.F. (maio/2003)**

Assim, C.B.T.B. cita o Turismo de Guerra como opção de um novo segmento turístico para um país marcado pelo turismo de sol e praia, destacando o despertar crítico que tal viagem pode proporcionar a aqueles que de fato só deslumbram deste momento bélico no instante em que experimentam do espaço onde tais fatos sucederam-se. Fato este comprovado por P.F. que demonstra toda sua perplexidade diante deste acontecimento importante na história dos estados envolvidos e da nação, quando se dizia desconhecer de tal Guerra. P.F. se diz favorável ao aproveitamento de tais fatos históricos pela atividade do turismo. Demonstrando assim, que o Turismo de Guerra tem como um de seus pilares a viagem de descoberta.

A prática do Turismo na região se faz importante no sentido de despertar interesses culturais nos cidadãos que por ali passam, além de ajudar no crescimento econômico do local.”

**A. Z. (nov/2003)**

O professor Nilson nos mostrou um caminho diferente e com criatividade, onde, de um acontecimento trágico como a guerra do contestado pode fazer turismo.(...) talvez seja essa intenção de um Turismo de Guerra, impressionar o turista com as



histórias e ao mesmo tempo mostrar como é belo o lugar(...) e num lugar de grandes tristezas, vire um lugar de conscientização, e de turismo, dando um desenvolvimento para região, e quem sabe ajudando as cidades mais pobres a se desenvolverem um pouco.

**G.V.S. (maio/2003)**

O que pude perceber nessa viagem é que o local é formado por cidades pobres que possuem uma grande desigualdade social, porém se possuem investimentos e um bom planejamento turístico tem capacidade de se tornarem um ótimo roteiro para aqueles que estão interessados em um tipo diferente de turismo que é o turismo de guerra.

**R.M.M.S. (nov/2004)**

Outros como A.Z., G.V.S., e R.M.M.S. além de destacarem a importância histórico-cultural do lugar e desta nova modalidade de Turismo, dentro da ótica da guerra e de seus desdobramentos na cultura e cotidiano da região, conseguem ver o Turismo de Guerra como opção de desenvolvimento econômico àquelas cidades que fazem parte deste roteiro e que hoje se encontram entre as mais pobres e menos desenvolvidas dos dois Estados. Embaçado dentro do preceito do tripé do turismo sustentável, que além da manutenção do aspecto histórico-cultural e na conservação do meio ambiente, se preocupa com a geração de emprego e renda para seus habitantes.

A necessidade de se conservar vai além da simples lembrança. São necessários fragmentos do passado para que a história se mantenha viva, como afirma Tuan (1980, p. 114) “para intensificar a lealdade se torna a historia visível e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo”. A partir desta concepção percebe-se a importância de valorizar os sinais restantes que acima de tudo remetem a própria identidade do lugar.

E são as antigas estações ferroviárias (hoje museus), os contadores de causos (como Vicente Teles e o parque temático), os voluntários que ajudam na reconstrução dos fatos (como a Janete) que divulgam os fatos, para que o turismo de guerra seja uma ótima forma de se obter conhecimento, os quais normalmente são esquecidos nas áreas de combate do contestado ou de qualquer outro conflito, ocorrido no território nacional; o descaso como é hoje registrado pelo Sallom em Três Barras.

**C.S.A. (maio/2003)**

Atualmente algumas das estações de trem tornaram-se museus e o 1º Saloon construído no Sul infelizmente foi esquecido como elemento integrante da história, sendo utilizado para o comércio.

**A.Z. (nov/2003)**

Como destacam C.S.A. e A.Z. está havendo certo esforço na manutenção e recuperação do patrimônio histórico-cultural remanescente do período da Guerra do Contestado, como a transformação de antigas estações de trem em museus, e de trabalhos

voluntários por parte de alguns regionais como o folclorista Vicente Telles em Irani e a professora Josete na cidade de Matos Costa que lutam para não deixar que se perca os resquícios e muito menos a essência da origem da cultura local.

Porém os mesmos puderam constatar o descaso por parte dos governantes locais em conservar tais patrimônios, como é o caso do Saloon, monumento ícone da presença norte-americana na cidade de Três Barras, que na época da visita estava parcialmente abandonado, sendo utilizado somente a parte térrea como espaço comercial.

A análise dos fragmentos dos relatórios permitiu demonstrar que a proposta de Turismo de Guerra se consolida nos objetivos propostos na medida em que os acadêmicos, de maneira geral, conseguem perceber no espaço turístico a própria história local, regional e nacional.

As indignações de alguns se devem - se ao fato do abandono daquele patrimônio histórico por parte dos responsáveis, da União e dos estados envolvidos.

#### **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa buscou enfatizar as práticas discursivas de leitura e escrita como fenômenos sociais que ultrapassam os limites dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Buscou-se também casar a relação que envolve o conteúdo teórico acrescido do olhar sobre o espaço percorrido no trabalho de campo pela região do Contestado no Roteiro de Turismo de Guerra.

Neste sentido, se partiu do princípio de que o trabalho realizado por meio da leitura e da produção de textos é muito mais que decodificação de signos lingüísticos, ao contrário, é um processo de construção de significado e atribuição de sentidos do que foi visto e percebido no Contestado. Assim, pressupõe-se que a leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social por meio do processo histórico da humanização.

Adotar esse ponto de vista promoveu mudança de postura, o trabalho com a leitura e a escrita adquire o caráter sócio-histórico do diálogo e a linguagem preenche a representação social: a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial aponta Mikail Baktin (1992, p.95)

Nessa perspectiva, a evolução histórica da linguagem, a própria estrutura do significado e a sua natureza psicológica mudam de acordo com o contexto vivido. A partir

das generalizações, o pensamento verbal eleva-se ao nível dos conceitos mais abstratos. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada em uma palavra. No caso da pesquisa sobre as percepções do Roteiro de Turismo de Guerra, esses elementos ficaram relativamente claros.

A decisão da escolha do tema se deu devido à repercussão obtida com a pesquisa em Turismo de Guerra, a qual os autores dessa monografia começaram a participar um ano após sua criação oficial. Houve um encantamento aliado à preocupação, pela responsabilidade, por se tratar de uma discussão inédita no meio acadêmico do Turismo até então. Devido às várias viagens de campo e a pesquisa em si, houve facilidade no reconhecimento dos relatos, contudo, o aprofundamento teórico foi imprescindível dentro de uma concepção científica até então inédita, a percepção em si enquanto possibilidade de estudo científico.

A construção teórica se deu a partir da concepção de espaço e lugar, defendida por TUAN, em seguida trabalhou-se a questão da percepção, como o instrumento a ser utilizado na análise dos relatórios que são o enfoque maior dessa pesquisa, mas sempre se teve em mente que outras possibilidades de análise se fariam possíveis, devido à amplitude da temática que envolve os estudos sociais.

Tendo analisados os relatórios dos alunos, pode-se observar o impacto que a viagem gerou, e a importância de se ter um conhecimento prévio sobre a história e a cultura do lugar, que os colocou em contato com as origens dos que habitam aquela região. Averiguou-se também, que o Turismo de Guerra possibilita a recuperação da identidade regional. A presença de visitantes desperta no autóctone a curiosidade sobre seu próprio ambiente, antes sem valor para os mesmos, e que agora passa a ter significado.

Esse é um processo lento e que necessita do reconhecimento do patrimônio cultural pelos órgãos públicos, que interpretam papel fundamental para a conservação da cultura local. Isso pode ser demonstrado pelo final trágico que se deu ao único Saloon edificado no País, um incêndio *criminoso* deixou apenas cinzas de um fragmento da história. Comprova-se que ainda há muito por fazer, já que uma parte da população ainda não se conscientizou de seu passado, mas os primeiros passos já foram dados.

## BIBLIOGRAFIA

ATHANAZIO, Enéas. Turismo de Guerra. Balneário Camboriú: **Jornal Página 3**, Caderno de Cultura, 24/01/2004, a. XIII, n. 654, p. 18.

BAKTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

FRAGA, Nilson Cesar. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco Inicial – Guerra do Contestado (1912-1916). Curitiba: **Revista PerCurso** – Curitiba em Turismo, a. 1, n. 1, p.43-76.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. <http://www.sc.gov.br/santur>. Acesso em 12 ago. 2005.

HOLLOWAY, J. Christopher. **The business of tourism**. 6. ed. London: Prentice Hall, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

KOZEL, Salette. **As representações no geográfico**. In. Mendonça, F. A. & Kozel, S (Orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guaresche. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Livia. **Ainda sobre percepção**, cognição e representação em Geografia. In. Mendonça, F. A. & Kozel, S (Orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

SERPA, A. **Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar**. São Paulo: OLAM – Ciên & Tec. , 2001. vol I, nº 2.

SISTE, Stella Maris. **O Passeio Público de Curitiba/PR: Da Topofilia a Topofobia**. 2005. 115 f. Monografia (Pós-Graduação) – Setor de Ciência da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

YAZIGI, Eduardo. **A alma do lugar** – turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.